

Lourenço Diaféria

Está aí o barão de Muritiba para confirmar

As 9 horas daquela manhã, como fazia habitualmente, o senhor Manuel Vieira da Tosta Filho sentou-se à mesa, abriu o guardanapo sobre as pernas e perguntou, com o ar des-preocupado:

— Então, o que temos hoje para almoçar?

O senhor Manuel Vieira apreciava fazer suas refeições com calma, mas naquele dia tinha reunião na Conferência da Relação. Devia apressar-se um pouco. Pela janela entrava a brisa. A sua frente, a terrina fumegava.

Mal fora servido e iniciava a manducação, o barão de Muritiba (o senhor Manuel Vieira da Tosta Filho era barão) viu abrir-se uma das portas da sala de jantar que dava para um terraço lateral. Naquele tempo — já faz isso para mais de oitenta anos — as portas eram altas e as salas de jantar amplas e confortáveis. Pois foi justamente no quadro dessa porta alta que apareceram seus dois conhecidos, o tenente-general visconde da Penha e o almirante barão de Ivinheima. Ambos, com um aceno, chamaram o senhor Tosta Filho para que se erguesse da cadeira, suspendesse o repasto e os atendessem com urgência. O tenente-general e o almirante vinham com um jeito muito misterioso.

De fato, traziam notícias que não apenas preocuparam seriamente o senhor Manuel Vieira como até acabaram por lhe tirar completamente o apetite. O seguinte: parte das tropas da guarnição comandada pelo marechal Deodoro da Fonseca se havia sublevado contra o imperador; o mesmo haviam feito os alunos da Escola Militar; e o ministro da Marinha, José Costa Azevedo (que também, por sinal, era barão, o de Ladário), ao tentar se opor aos revoltosos fora gravemente ferido.

Por um momento o senhor Manuel Vieira ficou sem saber o que fazer, de tão aturdido. Pois as coisas aconteciam assim, tão inesperadas. Ah, esses republicanos!... Está certo que os homens tinham lá 74 jornais e 237 clubes, mas nas últimas eleições, aquelas de 31 de agosto, apenas dois haviam conseguido ser eleitos, e mesmo assim nem sequer chegaram a tomar posse!

O choque inicial foi superado e os três homens imediatamente combinaram que iriam avisar a princesa imperial, que certamente estava alheia a esses incidentes tão desagradáveis, ocupada que estava com os preparativos para o sarau festivo que pretendia dar, na noite seguinte, aos elegantes oficiais do cruzador chileno "Cockrane", que estava fundeado na baía em visita de amizade.

De fato, a princesa tudo ignorava. E até o senhor conde D'Eu, seu esposo! Tanto que naquela mesma manhã o conde achara tudo mui tranquilo, ao passear com os filhos a cavalo, percorrendo o sossegado bairro de Botafogo.

Mas o conde D'Eu não pretendia deixar a coisa barata. Louis Philippe Ferdinand Gaston d'Orleans (este o seu nome) sentiu ferver nas veias o nobre sangue francês, que trouxera do berço de Neuilly-sur-Seine. Tinha a ousadia dos jovens de apenas 47 anos, e imediatamente decidiu fardar-se e sair a campo, para conter a marcha dos acontecimentos. Mas foi demovido de sua temerária idéia: já tanta coisa havia acontecido, que o mais razoável era aguardar que a situação desanuviasse. Ou ao menos se aclarasse.

Que se avisasse então, ao menos, dom Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga (ou, mais simplesmente, dom Pedro II), que se achava em Petrópolis. Mas não era preciso avisar. Durante a madrugada, dois telegramas haviam sido remetidos a ele pelo visconde de Ouro Preto. Apenas, por um excesso de zelo, eles não haviam sido entregues na hora exata — mas muito depois, quando o monarca despertou (há tempo que vigorava uma ordem expressa do médico do imperador, o conde de Mota Maia, proibindo que alguém o acordasse, mesmo que fosse para entregar telegramas urgentes).

Quando o imperador soube dos fatos, já era tarde!

Mesmo assim, dom Pedro II fez o que lhe cabia nas duras circunstâncias: embarcou num vagão ferroviário em direção a São Cristóvão. O resto da viagem, até o Paço, fez em carruagem puxada por três parelhas de cavalos, que cruzou o caminho da Santa Casa.

Aguardava o imperador a dura realidade, mas dom Pedro II na verdade vinha sereno. Por certo, ao que indicam as crônicas, não acreditava que houvesse eclodido um fato de tão imensa gravidade, de forma que até dispensou o auxílio amigo que lhe ofereceu o comandante chileno Bannen (do referido courado "Cockrane"), que aliás seria um dos homenageados no sarau.

— "Oh, não — lhe disse o imperador, confiante — isto não passa de fogo de palha."

O resto, todos vocês já sabem. Há apenas variações quanto aos horários. De manhã, o marechal Deodoro da Fonseca tomara conta da antiga praça da Aclamação e, já à tarde, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, foi lavrada e assinada a ata declarando proclamada a República no Brasil. Marchas e contramarchas, como sempre ocorre nessas situações: aqui o imperador reunindo às pressas o Conselho de Estado no Paço da cidade, com convites redigidos pelo próprio senhor Manuel Vãeira. Um visconde que se exonera. O marquês de Paranaguá procurando urgentemente o conselheiro Saraiva no bairro de Santa Teresa. Gestões, negociações, até que enfim, às 11 da noite, a Monarquia desabava: o marechal Deodoro recusava, verbalmente, a todas as propostas (feitas por carta) de um acordo. Os primeiros atos da República haviam já sido assinados e muitas pastas já distribuídas.

E o próprio barão de Muritiba quem conta, lastimoso, que os monarquistas foram então dormir, pois já era madrugada. Mas lá por volta das 3 horas, no silêncio das ruas, ouviram-se tiros de espingarda e alguém, fiel, solitário e insone, deu um viva ao imperador...

O governo do marechal alagoano Manuel Deodoro da Fonseca durou dois anos. Renunciou ao cargo, passou-o ao vice-presidente Floriano Peixoto, pediu reforma na carreira e morreu nove meses depois. Por uma dessas coincidências muito, muito curiosas, dom Pedro II morria num modesto quarto do Hotel Bedford, em Paris, praticamente no mesmo momento em que Deodoro se despojava do poder.

São esses pequenos fatos microscópicos que tornam a História fascinante — e humana. Uma flebite, um vigia noturno meticuloso, um médico que proíbe a entrega de telegramas a seu paciente, uma carta de renúncia apressadamente enviada e não contida, uma enxaqueca, uma turbina de avião que falha, um poço de petróleo a mais, são pedrinhas desse tipo que formam o mosaico geral. A "História Documental" do Brasil", da professora Therezinha de Castro, assim como o "Novo Dicionário de História do Brasil" (trabalho de um excelente grupo de colaboradores) são esplêndidas leituras, para quem precisa fazer crônicas nos feriados nacionais e nos demais dias do ano.

Sou dos que acreditam piamente que Napoleão Bonaparte só é o que foi porque não encontrou pepsamar para curar sua úlcera.